

Dicionário Inter-regional de Psicanálise

ENACTMENT

Entrada tri-regional

**Consultores inter-regionais: Rosemary Balsam (América do Norte);
Roosevelt Cassorla (América Latina); Antonio Pérez-Sánchez (Europa)**

Co-presidente para a coordenação: Eva D. Papiasvili (América do Norte)

**Tradução para o português: João Pedro Bicudo de Azeredo Keating
(Sociedade Portuguesa de Psicanálise).**

**Coordenação e edição para a tradução para o português:
Maria Cristina Garcia Vasconcellos (Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre)**

I. DEFINIÇÕES

O conceito de *enactment* não tem um lugar estável na teoria psicanalítica. Os usos do termo variam largamente, desde o que é restrito à situação analítica até a um largo espectro de interações e comportamentos na vida.

Após o primeiro uso do termo no título de um artigo de Theodore Jacobs (1986), o *enactment* foi muitas vezes considerado um conceito norte-americano. No entanto, na literatura psicanalítica Norte-americana não existe um conceito único de *enactment*. Existe sobretudo um grupo de conceitos, mais ou menos relacionados uns com os outros, mas também bastante diferentes entre si. Os usos do termo que a seguir se mostram, incorporam, combinam e desenvolvem as definições norte-americanas de Akhtar (2009) e Auchincloss e Samberg (2010):

- *Enactments* de Transferência/Contratransferência (p.ex., Jacobs 1986, Hirsch 1998), em que analista e/ou analisando exprimem desejos transferenciais ou contratransferenciais em acção, em vez de reflectir sobre eles e de os interpretar. Este uso do termo foi expandido por McLaughlin (1991), que incluiu “transferências evocativas-coercivas tanto do paciente como do analista”, e ainda mais desenvolvido por Chused (1991, 2003) como “interações simbólicas” com significado inconsciente para ambos os participantes, e que se estende potencialmente para lá da situação analítica. Este fenómeno pode ser visto como uma versão do “acting out” ou “acting in” (Zeligs 1957), estendida aos dois participantes.

- A indução de fantasias inconscientes no analista por parte do analisando, de maneira a que o primeiro as vivencie. Esta ideia é próxima da de ‘identificação projectiva’ e/ou de ‘receptividade ao papel’.
- Uma série de dramas, muitas vezes subtis, inconscientes, interactivos e mutuamente construídos e que são experienciados (Levine e Friedman, 2000, p.73); Loewald, 1975). Aqui, *enactment* é utilizado para designar uma espécie de intersubjectividade, uma vez que o analista é visto como um co-criador do que acontece entre as duas partes.
- Qualquer expressão dramática de uma ruptura transferencial/contratransferencial de uma troca analítica contentora e fluída (Ellman 2007), estendendo-se potencialmente para lá da situação analítica (Chused, Ellman, Renik, Rothstein, 1999), pode ser comunicada verbal ou não verbalmente (v. abaixo o ‘enactment interpretativo’ de Steiner, 2006a).

Na América Latina esta pluralidade conceptual foi reduzida, devida à influência histórica adicional de autores como Racker (1948, 1988), Grinberg (1957, 1962) e Baranger e Baranger (1961-1962), e os estudos adicionais contemporâneos de Cassorla (2001, 2005, 2009, 2012, 2013, 2015), Sapisochin (2007, 2013) e outros.

- O entendimento contemporâneo que predomina acerca do Enactment na América Latina inclui fenómenos em que o campo analítico é invadido por descargas e/ou comportamentos que envolvem tanto paciente como analista. Os *enactments* surgem da indução emocional mútua, sem que os membros da diade analítica se apercebam claramente do que está a acontecer. Os *enactments* reflectem situações passadas em que a simbolização verbal era deficiente e, quando surgem palavras, estas são utilizadas de forma limitada e concreta. Os *enactments* são modos de recordar relações primitivas através de comportamentos e sentimentos que fazem parte de organizações defensivas (v. abaixo as diferenças entre *enactment* agudo e *enactment* crónico).

A concepção europeia do termo *enactment* está mais próxima versão latino-americana do que da norte-americana, visto que o conceito se restringe mais à sessão analítica. No entanto, para alguns psicanalistas europeus o conceito difere da versão latino-americana em que o *enactment* se trata não tanto de uma co-criação de paciente e analista, mas sobretudo o resultado da interacção entre os dois. São também bastante comuns as referências ao *enactment* no âmbito da contratransferência ou do *acting-out*.

- Por exemplo, a perspectiva de Steiner (2006a) de “enactment interpretativo” relaciona-se com a comunicação verbal do analista, e exprime a ideia de que a verbalização exprime os sentimentos e atitudes contratransferenciais do analista.

A visão que predomina acerca dos *enactments* relativamente à interpretação psicanalítica, em todas as três culturas psicanalíticas continentais, é de que, seja qual for a formulação dos processos e conteúdos subjacentes, os *enactments* – uma vez que se

relacionam com a situação analítica - são tidos como tendo significado desenvolvimental e/ou dinâmico e necessitam ser compreendidos e, em última análise, interpretados, se bem que de modo gradual e individualizado (Papiasvili 2016).

II. ANTECEDENTES EM FREUD

Os conceitos contemporâneos de *enactment* radicam todos em conceitos que Freud sistematizou. Já desde o tratamento de Ana O. por Breuer (Breuer 1893) – o primeiro conluio descrito na literatura psicanalítica – Freud (1895) se preocupava com acções que ocorriam à medida que o ou a paciente revelava os seus problemas ao analista. A Transferência (1905) foi a primeira dessas descobertas (o caso Dora), em que a estrutura de fantasias do paciente é projectada sobre o analista. Embora o tenha descrito primeiro na sua auto-análise em 1899 (A Interpretação dos Sonhos), em 1910 Freud deu ao complexo de Édipo maior proeminência, demonstrando como as crianças se relacionavam sexualmente com os seus pais de acordo com padrões repetidos depois na vida adulta, agora com o analista como substituto paterno. Seguiu-se a Contratransferência (1910), referindo-se à “influência do paciente sobre os seus sentimentos inconscientes” (1910, p.130). A descoberta seguinte foi o *acting out* (1914) (embora Freud já o tivesse mencionado antes, considerando o término prematuro do tratamento de Dora como uma vingança da parte dela em relação ao próprio Freud, sendo este um objecto substituto para os desejos de punição que ela sentia para com Herr K.). Outra das bases do termo contemporâneo *enactment* veio do valor que Freud deu à importância da compulsão de repetição (1914). Este conceito descrevia como os traumas se repetiam no tratamento e na vida. Freud escreveu:

“Ele o reproduz não como lembrança, mas como acção; *repete-o*, sem, naturalmente, saber que o está repetindo (...) não pode fugir a esta compulsão à repetição; e, no final, compreendemos que esta é a sua maneira de recordar...” (1914, pp. 91-92)

Em 1923, o desenvolvimento da teoria estrutural levou a que se focassem mais os mecanismos de defesa e sua relação com o ego. As defesas que se tornariam centrais para o conceito de *enactment* eram a projecção, a introjecção e a reprojecção. Em suma, os conceitos actuais de *enactment* incorporam muitos conceitos freudianos, embora também, evidentemente, vão mais além.

III. DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO

Em inglês, o verbo *to enact* está ligado ao verbo *to act*. Um dos significados deste verbo é o de representar um papel dramático ou teatral. O termo *to enact*, juntamente com o substantivo correspondente *enactment*, pode encontrar-se, de uma forma pouco precisa, tanto na literatura psicanalítica clássica como contemporânea e refere-se a externalizações dramáticas do mundo interno do paciente, tanto numa sessão como na vida quotidiana. O termo *re-enactment* tem o mesmo significado.

No seu artigo seminal “On Countertransference Enactments”, Jacobs (1986) descreve os *enactments* como situações em que um analista é surpreendido pelo seu próprio comportamento contratransferencial aparentemente inadequado. Mais tarde, o analista pode aperceber-se das ligações entre o seu comportamento, a indução emocional da parte do paciente e os seus próprios factores pessoais. Jacobs (1991, 2001) clarificou mais o termo *enactment*, dando-lhe ênfase e popularizando-o. Utilizou este termo para um evento específico em análise, em que a psicologia de um dos participantes é encenada face-a-face com o outro. O que ele procurou transmitir foi a ideia de que *enactments* são comportamentos do paciente, analista ou de ambos, que emergem como respostas a conflitos e fantasias despertados em cada um deles pelo trabalho terapêutico em curso. Embora ligados à inter-relação entre Transferência e Contratransferência, estes comportamentos associam-se também, através da memória, a pensamentos, fantasias inconscientes e experiências da primeira e segunda infância. Portanto, para Jacobs, a ideia de *enactment* contém no seu interior a noção de *reenactment*, isto é, o reviver de partículas e fragmentos do passado psicológico de ambas as partes na situação analítica.

O conceito de *enactment* de Jacobs traz ressonâncias da noção algo paradoxal de Winnicott (1963) de que, se a análise corre bem e a transferência se aprofunda, o paciente levará o analista a falhar para com ele, na área da onnipotência infantil normal, isto é, na transferência.

Todavia, Jacobs não foi o primeiro. Hans Loewald tinha usado o termo anteriormente, em “Psychoanalysis as an Art and the Fantasy Character of the Psychoanalytic Situation” (1975). Loewald escreveu que

“... [o] processo em que paciente e analista estão envolvidos um com o outro... implica uma re-encenação [*re-enactment*], uma dramatização de aspectos da história da vida psíquica do paciente, criada e apresentada em conjunto com, e dirigida pelo, analista”. (p. 278-9)

O paciente e o analista co-criam ilusão dentro da neurose de transferência. O paciente toma a liderança na recriação de fantasias, como numa peça de teatro. O papel do analista é multidimensional. Ele (ou ela) tanto é encenador(a) como representa diferentes personagens na vida do paciente. O paciente e o analista são co-autores desta dramatização, que é experienciada tanto como fantasia como realidade. Em vez de simplesmente assumir os papéis, o analista reflecte de volta a imagem deles e

eventualmente o paciente ganha acesso à sua vida interior assumindo gradualmente a direcção de cena e a escrita do argumento. A “imitação da acção em forma de acção” de Aristóteles seria, em termos psicanalíticos, tanto *re-enactment* como repetição. Schafer (1982), na altura colega de Loewald, também acreditava que diversas narrativas do *self* ou “roteiros” podiam ser reconhecidas como versões diferentes da história básica de um analisando, representadas com um analista (p.ex. representações de enclausuramento, de renascimento ou de rivalidade edipiana).

Sandler (1976) chamou a atenção para a indução mútua entre os membros de uma díade e as reacções espontâneas dadas pelo analista aos estímulos inconscientes do paciente, a que chamou *receptividade ao papel*.

Gradualmente a ideia de *enactment* foi sendo mais usada e debates sobre o tema tornaram-se mais frequentes na literatura psicanalítica (McLaughlin 1991; Chused 1991; Roughton 1993; McLaughlin & Johan 1992; Ellman & Moskovitz 1998; Panel 1999). Para alguns, o termo *enactment* simplesmente substituiu *acting out*, embora seja de recordar que *acting out* é o equivalente inglês da palavra alemã *Agieren*. Em alemão “er agiere es” é o original de “mas expressa-o pela actuação ou actua-o” (“o paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas expressa-o pela actuação ou actua-o”, Freud 1914, p.91) (NT: Utiliza-se aqui a tradução da Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. 14, ed. Imago. Uma tradução alternativa é a de Paulo César de Souza, a partir do original alemão, em Freud - Obras Completas, vol. 10, Ed. Companhia das Letras, p.149: “(...) o analisando não recorda absolutamente o que foi esquecido e reprimido, mas sim o actua. Ele não o reproduz como lembrança, mas como acto, ele o repete, naturalmente sem saber que o faz.”)

Nalgumas culturas psicanalíticas, o termo *acting out* começou por referir-se a actos mais ou menos ocasionais e impulsivos que interferiam com a associação livre esperada, restringindo-se assim o conceito de *Agieren*. Simultaneamente, o termo veio a ser utilizado para rotular comportamentos de personalidades impulsivas e psicopáticas. As conotações moralistas de *acting out* contaminaram a linguagem de profissionais de saúde mental e da área jurídica. A substituição daquele termo por *enactment* tinha como objectivo eliminar a confusão conceptual e os aspectos pejorativos do termo.

Existe uma conotação legal do termo *enactment* como uma lei, um mandato, um decreto, uma ordem que deve ser obedecida – a qual foi também tida em conta. O conceito psicanalítico incluiu ambos os sentidos do termo. Houve também o facto de que, por definição, os membros da díade participam num *enactment* e não estão suficientemente conscientes daquilo que está a acontecer. O analista é conduzido pela relação, sujeito às suas próprias questões internas e pontos cegos. Por contraste, no *acting out* as descargas do paciente podem ser observadas pelo analista, na medida em que ele não se permite envolver-se nelas.

Muitos analistas descreveram situações similares àquelas que nós consideramos *enactments*, mas sem as nomearem com esse termo. O conceito possibilitou reunir vários fenómenos que tinham estado associados em Freud e elaborados por psicanalistas de

diversas orientações teóricas, através de termos como *repetição*, *revivência*, *externalização*, *acting-out*, etc. O termo tornou-se gradualmente parte do corpo comum de conceitos psicanalíticos. Discussões e Estudo recentes podem ser visto em Paz (2007), Ivey (2008), Mann e Cunningham (2009), Borensztein (2009), Stern (2010), Waska (2011), Cassorla (2012), Sapisochin (2013), Bohleber *et al.* (2013) e Katz (2014).

Os *enactments* variam em qualidade e intensidade devido aos diferentes graus de déficit ou dano na capacidade de simbolizar. Os mais benignos podem ser “realizações” (Sandler, 1976) que gratificam desejos transferenciais em relação ao analista. Os mais malignos implicam a capacidade reduzida do analista, que leva a comportamentos de abuso da sua autoridade que ultrapassam os limites do que seria considerado tratamento analítico (Bateman 1998).

A literatura psicanalítica debate se os *enactments* são prejudiciais ou se serão necessários e úteis. A tendência é considerar que os *enactments* surgem naturalmente quando um analista se defronta com configurações traumáticas, psicóticas ou *borderline*, mesmo quando os aspectos neuróticos predominam.

São certamente úteis depois de terem sido compreendidos, e essa compreensão só pode vir depois de eles terem sido identificados, isto é, em modo de *Nachträglichkeit* (em *après-coup* ou de modo diferido). *Enactments* que não são devidamente identificados bloqueiam o processo analítico e podem destruí-lo.

III. A. Evolução do Conceito na América do Norte: Influência da Escola Britânica das Relações Objectais

A identificação projectiva é um elemento importante do *enactment*. Foi primeiro descrita por Klein (1946/1952), que a definiu como uma fantasia inconsciente consistindo em clivagem e projecção de partes boas e más do ego para dentro do objecto. Winnicott também utilizou o conceito. Bion (1962) expandiu o conceito, passando a incluir nele a comunicação pré-verbal e/ou pré-simbólica entre mãe e bebé. Ao conceito de Bion, Joseph (1992) juntou os comportamentos subtis mas activos do sujeito (acompanhados das respectivas manobras intrapsíquicas), que concorrem para criar um determinado ambiente na sala e evocar no ou na analista (o objecto) certas emoções, sensações e ideias que podem levá-lo(a) a adoptar comportamentos pouco habituais, mas que são mesmo assim consistentes com o esquema interno do analisando (sujeito). O’Shaughnessy (1992) descreve dois tipos de *enactment*, “enclaves” e “excursões”, que podem ter um potencial destrutivo para o processo analítico. O “enclave” resulta do analista fazer da análise um refúgio de toda a perturbação, e a “excursão” decorre do analista transformar a análise numa série de fugas. O’Shaughnessy reconhece que o *acting out* parcial ou limitado é uma parte inevitável de toda a situação clínica, mas torna-se problemático quando não é contido ao ponto de se deteriorar em *enactments* do tipo destrutivo – enclaves e excursões (Shaughnessy, 1992).

Para além disso, os *enactments* podem ser vistos como um exemplo da ideia de Winnicott, atrás referida, de que nós temos sucesso falhando – falhando no caminho que o paciente deseja seguir. Esta perspectiva fica longe da teoria simplista da cura pela experiência correctiva. Parafraseando Winnicott, o *enactment* num paciente pode estar ao serviço do ego, se for acolhido pelo analista e usado de forma a permitir que o paciente traga algo de tóxico para a área que está sobre o seu controle, e na qual pode ser trabalhado através da projecção e introjecção.

Assim, para a América do Norte, os conceitos de *enactment* têm raízes fundas em Freud e também na tradição das relações objectais.

III. B. Evolução do conceito na América Latina: Contexto mais alargado e Precusores do Conceito

O pensamento psicanalítico latino-americano foi influenciado por autores pioneiros que, nas décadas de 1940 e 1950, desenvolveram estudos aprofundados sobre o processo analítico tendo em consideração aquilo que acontecia entre os membros do par analítico. Racker (1948,1988) investigou a “contratransferência complementar” enquanto consequência da identificação do analista aos objectos internos do paciente. Grinberg (1957, 1962) descreveu a “contra-identificação projectiva”, uma situação em que os analistas se deixam tomar pelas identificações projectivas do paciente e reagem a elas sem se aperceberem. Mais tarde Grinberg modificou alguns aspectos das suas ideias e demonstrou a utilidade deste conceito para a compreensão do que ocorria entre os membros da díade analítica. Tanto Racker como Grinberg descreveram situações semelhantes às ideias actuais acerca do *enactment*. Estes e outros autores influenciaram Willy e Madeleine Baranger que, tomando como base as ideias kleinianas, descreveram o *campo analítico* (Baranger e Baranger 1961-62, 1969 1980).

Este campo analítico é um lugar/tempo que envolve duas pessoas (o analista e o paciente) que participam no mesmo processo dinâmico, um processo no qual nenhum dos membros da díade é inteligível sem referência ao outro. Ambos constituem uma estrutura a que se chama a *fantasia inconsciente da díade*, e que vai para além da soma dos aspectos de cada participante. Neste contexto, os Baranger descreveram um produto do campo chamado “*os bastiões*”. Estes ocorrem quando partes do paciente e partes do analista ficam entrelaçadas, mergulhadas numa estrutura defensiva. O bastião pode aparecer como um corpo estranho e estático, enquanto o processo analítico parece seguir o seu curso, ou então invade todo o campo, tornando-se patológico. A ideia de bastião está próxima da *enactment crónico* (Cassorla, 2005).

Devido a estes desenvolvimentos, a cultura psicanalítica latino-americana rapidamente absorveu o conceito de *enactment*. A clarificação do conceito foi ainda mais facilitada por estudos contemporâneos das contribuições latino-americanas dos processos de simbolização (Cassorla 2001, 2005, 2009; Sanchez Grillo 2004; Sapisochin 2007, 2013; Gus 2007; Paz 2007; Borensztein 2009; Rocha 2009; Schreck 2011).

IV. DESENVOLVIMENTOS CONTEMPORÂNEOS E USOS DO CONCEITO NAS AMÉRICAS E NA EUROPA

IV. A. América Latina: Desenvolvimentos e Relevância Clínica

Situações clínicas descritas na literatura como *enactments* geralmente indicam alguma acção ou comportamento abrupto que fez com que o analista sentisse que perdeu a sua função analítica. Pode, por exemplo, ficar surpreendido ao aperceber-se de que se comportou de modo irónico, agressivo ou sedutor. Ou pode notar que está desinteressado ou que terminou a sessão antes da hora marcada, ou ainda que a prolongou. Pode dar-se conta de que ficou demasiado fascinado pelas histórias interessantes do paciente, ou de que esteve a discutir com ele. Nestes casos, ele repara que a sua capacidade analítica foi danificada e sente-se embaraçado e culpado. Mais tarde o analista pode compreender que se estava a identificar com aspectos projectados pelo paciente. Estes fenómenos podem ser especificamente denominados de *enactments agudos* (Cassorla 2001). Por vezes o comportamento do analista torna-se mais visível do que o do paciente. O termo *enactment contratransferencial* utiliza-se para referir o comportamento do analista.

Cassorla (2005, 2008, 2012, 2013) ao estudar configurações *borderline* demonstra que, antes de ter ocorrido o *enactment* agudo, a díade analítica estabelecera já conluios prolongados em que paciente e analista se tornam indiferenciados um do outro. Este tipo de díades simbióticas apresentam um comportamento similar ao de uma representação teatral ou mímica (Sapichin 2013), e denomina-se este tipo de comportamento *enactment crónico*. Nenhum dos membros do par analítico se dá conta do que está a acontecer e, quando dá conta, é geralmente imediatamente a seguir à ocorrência e reconhecimento de *enactment* agudo.

O estudo da sequência - *enactment* crónico (despercebido) -> *enactment* agudo (apercebido) -> compreensão do *enactment* crónico que tinha ocorrido – dá-nos um esboço de um determinado tipo de História natural do processo analítico quando se trabalha em áreas em que o processo de simbolização é deficitário. Os factos clínicos revelam organizações defensivas que evitam a percepção da realidade triangular, que é experienciada como traumática. A experiência clínica mostra a seguinte sequência:

- *Fase 1.* O analista sabe que está a lidar com um paciente que é de difícil acesso e que ataca o processo analítico, subvertendo-o. No entanto é certo que, com paciência e perseverança, as dificuldades virão a ser compreendidas.
- *Momento M.* A dada altura o analista surpreende-se a si mesmo ao fazer uma intervenção ou cometer um acto, normalmente impulsivo, que o embaraça, fá-lo sentir-se culpado e com a impressão de que perdeu a sua capacidade analítica. Tem receio de ter prejudicado o seu paciente e imagina que complicações estarão iminentes.
- *Fase 2.* O analista, suportando os seus sentimentos negativos, nota as consequências do seu comportamento. Para sua surpresa, o processo analítico torna-se mais produtivo e a rede simbólica do pensamento expande-se. A compreensão do momento M fortalece o

vínculo analítico e o paciente associa-o a situações traumáticas prévias que estão a ser elaboradas.

Uma investigação mais aprofundada dos factos leva o analista a concluir que, na Fase 1, tinha estado envolvido no conluio prolongado com o seu paciente (*enactment* crónico), do qual não se tinha apercebido, em certas áreas de funcionamento da díade analítica. Os conluios, agora identificados, alternam entre “roteiros” sadomasoquistas e “roteiros” de idealização mútua. Analista e paciente controlam-se mutuamente e tornam-se extensões um do outro.

Ao rever o Momento M o analista apercebe-se de que, de facto, perdeu a sua capacidade analítica não nesse momento mas mais cedo, durante a Fase 1. O momento M mostrou, na verdade, que essa capacidade estava a ser recuperada. Por exemplo, a suposta agressão do analista tinha desfeito um conluio masoquista, ou uma relação de idealização mútua estava a bloquear o processo analítico (Fase 1). O Momento M revelou um *enactment* agudo que tinha desfeito o *enactment* crónico prévio, ao mesmo tempo tornando-o perceptível. O *enactment* agudo tornou manifesto, portanto, o trauma de se ter passado a estar em contacto com a realidade triangular. Por vezes, antes da percepção clara do *enactment* agudo, este contacto momentâneo com a triangularidade por ser marcado por “micro-*enactments*” agudos quase imperceptíveis, quando a organização defensiva retrocede imediatamente para *enactments* crónicos (Cassorla 2008). Durante os *enactments* crónicos não percebidos, o analista continua a trabalhar persistentemente, mesmo que sinta que não está a ser suficientemente produtivo. Ainda assim, em áreas paralelas o seu trabalho continua a dar significado aos buracos traumáticos existentes na rede simbólica. A organização defensiva é gradualmente desmontada, mesmo que isso possa não ser aparente no campo analítico. Um *enactment* agudo, ou seja, a súbita percepção da realidade triangular, emerge quando já houve suficiente reconstituição da rede simbólica. A díade analítica presente que a separação entre *self* e objecto será suportável. Esta separação pode, portanto, ser considerada como uma forma mitigada de trauma. Assim, o *enactment* agudo é uma mistura envolvendo tanto descargas afectivas como a simbolização dos traumas no aqui e agora do processo analítico. Quando o analista dá conta do *enactment* e, de forma diferida (*Nachträglichkeit*) o ressignifica, a rede simbólica alarga-se. Este alargamento possibilita a emergência de novas associações que se relacionam com a elaboração em curso dos efeitos traumáticos, estimulando assim construções por parte do analista (Fase 2).

Quando um paciente traz sobretudo aspectos simbólicos para o campo analítico através de identificações projectivas comunicativas, forma-se um conluio dual instantâneo entre paciente e analista. Ele é então desmontado pelas interpretações transferenciais do analista. Por analogia, estes conluios instantâneos podem ser chamados de *enactments normais*.

Cassorla (2008, 2013) discutiu estes aspectos clínicos usando a teoria do pensamento de Bion e propôs que os *enactments* crónicos constituem uma situação em que ambos os membros do par analítico não conseguem sonhar as experiências emocionais que acontecem no campo analítico. Descreveu o *enactment* crónico como

não-sonhos-a-dois. Por outro lado, os *enactments* agudos que desfazem os *enactments* crônicos constituem uma mistura de descargas e não-sonhos que estão a ser sonhados no aqui-e-agora no campo analítico. A capacidade de simbolizar é um produto da função-alfa implícita que o analista usa durante o *enactment* crônico.

IV. B. Desenvolvimentos Norte-americanos e sua Relevância Clínica

Assim como os autores Latino-americanos enfatizam a importância do conceito para um melhor entendimento da técnica analítica com crianças e adolescentes (Sanchez Grillo 2005; Rocha 2009; Borensztein 2009), também na América do Norte os psicanalistas de crianças e adolescentes usam e desenvolvem o conceito na teoria e trabalho clínico.

Judith Chused, inspirada pela investigação de Theodore Jacobs (1986) com adultos acerca da inclusão do *enactment* num conceito mais alargado de contratransferência, escreveu acerca de um uso produtivo do *self* no acompanhamento das próprias reacções do analista no trabalho com jovens. Chused (1991, 1992) ofereceu exemplos clínicos detalhados no seu trabalho com crianças na idade da latência, adolescentes e jovens adultos. Em 2003, Chused definiu *enactment* de forma abrangente:

“Quando o comportamento ou as palavras de um paciente estimulam um conflito inconsciente no analista, levando a uma interacção que tem significado inconsciente para ambos, isso é *enactment*. De modo inverso, um *enactment* ocorre quando o comportamento ou as palavras de um analista estimulam um conflito num paciente, que produz uma interacção com significado inconsciente para ambos. Os *enactments* ocorrem constantemente em análise e fora dos nossos consultórios (...) Alguns dos mais significativos (...) ocorrem (...) quando o comportamento de uma analista se desviou do seu intento consciente devido a motivações inconscientes, e, ao ser escrutinado, traz uma ‘sensação de erro cometido’ (...)” (Chused, 2003, p.678).

Em 1995 Judith Mitrani cunhou o termo “experiência não-mentalizada” para referir situações da infância mais precoce que mais tarde se exprimem em análise através do processo de *enactment*, em que podem ser interpretadas na transferência e podem dar forma significativa às nossas construções imaginativas. Posteriormente, Mitrani (2001) concluiu que a palavra “experiência” não é o termo correcto neste contexto, uma vez que para se experienciar algo deve existir consciência psíquica, e conseqüentemente algum nível de mentalização para se experienciar algo. Assim, ela sublinhou a distinção entre algo que *aconteceu* a um indivíduo *versus* algo que se *sofreu* e que *subsequentemente* entrou no reino da consciência *com a ajuda de um objecto continente*; por outras palavras, alguma “coisa” que atingiu um nível de significado na mente.

Aqui, Mitrani ecoa as ideias de Federn (1952), Bion (1962) e Winnicott (1974). Federn (1952) fez uma importante distinção entre *sofrer* a dor e *sentir* dor. Para ele, o

sofrimento é um processo activo do Ego, no qual o acontecimento que provoca dor – por exemplo a frustração, ou a perda do objecto – é tomado [pelo Ego] e a sua intensidade total é avaliada. Deste modo, sofre uma transformação, o que também acontece com o próprio Ego. Por contraste, ao *sentir-se* a dor, o acontecimento que provoca dor não pode ser suportado e elaborado pelo Ego. A dor não é contida, mas apenas toca a fronteira do Ego e é repelida. A cada repetição do acontecimento, o sentimento doloroso afecta o ego com a mesma intensidade e efeito traumático. A distinção entre “acontecimentos” e “experiências” foi elaborado previamente por Winnicott em “O Medo do Colapso” (1974) – um colapso que se dera na primeira infância mas não tinha sido experienciado. Também relevante, se bem que de forma indirecta, pode ser a teoria do pensamento de Bion (1962) segundo a qual, durante o período da primeira infância em que *psyché* e *soma* são ainda indistinguíveis um do outro, as impressões sensoriais em bruto/elementos *beta* são gravadas no corpo e são suportadas através de processos somáticos até que a representação psíquica se torna possível com a ajuda da função *alfa* contentora materna.

Na perspectiva de Mitrani, este tipo de “acontecimento não mentalizado”, envolvendo dor sentida mas não sofrida, registado a um nível sensorial e corporal, e ao qual tem ainda de ser atribuído um significado simbólico, pode estar na raiz de muitos *enactments* em análise. Quando o analista utiliza de forma apropriada os *enactments*, é dado ao corpo uma oportunidade de se tornar simbolicamente representado, à medida que entra em *relações significativas* com outras representações psíquicas.

A perspectiva neurobiológica acerca do papel do corpo no *enactment* através das memórias somáticas foi investigada e revista, por exemplo por Van der Kolk e Van der Hart (1991). A argumentação destes dois autores estende-se desde os conceitos mais antigos de Janet e Freud, os quais se interrelacionavam, até as hipóteses actuais de codificação somática de memórias traumáticas no cérebro.

Para a Escola Relacional, o *enactment* é um conceito central na teoria da psique e na compreensão da acção terapêutica na análise clínica. Muito activos no Estados Unidos desde a década de 1980, teóricos da Escola Relacional como Anthony Bass descrevem da seguinte forma a sua abordagem:

“As abordagens relacionais contemporâneas tem em grande medida sido definidas (...) pela sua ênfase na participação conjunta: interacção, intersubjectividade e impacto mútuo derivado da interacção complementar e mutuamente modeladora da transferência e contratransferência. Estes fenómenos podem ser surpreendentemente manifestos – com toda a força das suas raízes inconscientes – no desenrolar de um processo que frequentemente pode parecer-se com o campo de minas do *enactment* (...)” (Bass 2003: 658).

Irwin Hoffman (1984) descreve o pensamento dialético como parte da sua abordagem e examina, por exemplo, as implicações técnicas para a autoridade, mutuallidade e autenticidade do analista da capacidade única do paciente para as interacções inconscientes.

Para Bromberg, a mente é um paisagem de estados múltiplos e mutativos do self. O *enactment* no tratamento é a via de acesso a conteúdos dos estados do self que se encontravam previamente sequestrados e inacessíveis. De acordo com Bromberg (2006), Bass (2003), Hoffman (1994) e Mitchel (1997), os analistas, mantendo-se numa abordagem relacional, monitorizam os seus próprios estados do self em constante mutação, procurando pistas acerca daquilo que se está a dar a conhecer nos seus pacientes.

O conceito de *enactment* é também central na abordagem intersubjectiva sistémica. Esta perspectiva foi desenvolvida por Robert Stolorow e outros em finais da década de 1980 e esclarece os aspectos interpessoais da abordagem relacional ao tratamento. Na abordagem intersubjectiva, os *enactments* são vistos como evoluindo a partir de estados relacionais dissociados, representando uma comunicação interpessoal das experiências neuronais precocemente codificadas e traumas de um paciente. A escola intersubjectiva inspira-se na investigação em neurociências e nas pesquisas sobre comunicação não-verbal em bebés e crianças jovens e seus pais, por exemplo, por Beatrice Beebe e Frank M. Lachmann (2002).

Ilany Kogan (2002), uma analista de Israel e membro proeminente do Grupo de Pesquisa do Trauma de Yale, investigou o *enactment* em crianças sobreviventes do Holocausto. Ela define o termo como “a compulsão para recriar as experiências dos seus pais nas suas próprias vidas através de actos concretos.” (2002: 251). Esta constitui uma importante demonstração clínica, precisamente de como as narrativas emocionais na vida interna podem estar fora do campo da consciência. Neste processo estão envolvidas a transmissão intergeracional do trauma, a teoria de Freud acerca da comunicação interpessoal inconsciente e - embora Kogan não se lhe refira - a ideia de Hans Loewald (1975) de que a análise mimetiza a Arte Dramática - neste caso, a tragédia. Kogan diferencia aqui o uso que faz do termo *Enactment* dizendo que, por exemplo em oposição a Jacobs (1986), não se foca especificamente na proximidade interactiva entre paciente e analista. O seu conceito é mais como uma amálgama do *acting out* e do *acting in* de Freud (um *agir*, fora ou dentro do *setting*) e da *realização* (*actualization*) de Sandler (1978) e Eshel (1998). [NT: Traduz-se aqui *Acting* (no alemão original *Agieren*) como *agir*, de acordo com Laplanche e Pontalis (1971: 36), diferenciando *Acting Out* e *Acting In* de acordo com Mijolla-Mellor (2005: 10)]. Kogan usa o termo em conjugação com “um buraco negro” (p. 255), uma lacuna na informação consciente no centro da psique, que porém não está vazia (v. o “circulo vazio” do holocausto de Auernahn e Laub, 1998, e outros autores sobre o trauma severo). Loewald (1975) fala de uma ausência psíquica inerente ao *enactment*, que pode ser descoberta na análise, catalisando no paciente a diferenciação, o crescimento e a autonomia. Neste aspecto, Kogan é semelhante a Loewald.

Kogan ilustra o seu pensamento com exemplos clínicos, como o que se segue: uma mulher, sofrendo anorexia na sua juventude (um *enactment* da fome extrema sofrida pelos pais), cujo pai ocultara a existência de uma primeira mulher e filho desaparecidos na *Shoah*, casou aos trinta e um anos com homem que tinha abandonado a mulher e o filho. Embora ela não se apercebesse, o facto de ter casado com este homem era uma

encenação (*enactment*) da situação ocorrida com o pai dela. No decurso da análise, a mulher, sem querer, abandonou um gatinho durante um dia, o qual, tendo sido deixado dentro de uma casa de banho excessivamente aquecida, acabou por morrer. Mais tarde ela própria veio a adormecer num quarto onde se deu uma fuga de gás. Nessa altura, ela não tinha ainda conhecimento consciente das experiências por que o seu pai passara. Foi necessário trabalhar a nível da transferência para detectar as várias identificações inconscientes com vítima e com agressor, bem como os diferentes tipos de auto-punição que decorriam dentro dela. Eventualmente, a narrativa familiar pôde vir a ser falada.

IV. C. Desenvolvimentos na Europa e Relevância Clínica

Os psicanalistas europeus usam o termo *enactment* e os conceitos relacionados de contratransferência e *acting-out* quando lidam com os fenómenos clínicos implicados no conceito. Geralmente restringem-se especificamente à situação analítica.

Na verdade, muitos analistas europeus falam de *acting-out* ou de *enactment* para se referirem ao mesmo facto clínico, usando as duas palavras como sinónimos. Contudo, para alguns analistas, o *enactment* poder ser considerado como um desenvolvimento do *acting-out*, com origem no termo freudiano de *Agieren* (Paz 2007). No entanto, há outros analistas que, embora fazendo distinção entre os dois conceitos, consideram que eles podem coexistir no contexto clínico, desde que ocorram em momentos diferentes do processo analítico (Ponsi 2013). De acordo com Sapisochin, os *enactments* do par analítico são a estrada real para o insight acerca do inconsciente reprimido; este inconsciente, apesar de não representável verbalmente, está na forma de registos imaginários de experiência emocional, a que o autor chama “gestos psíquicos” (Sapisochin 2007; 2013; 2014; 2015).

A maior parte dos autores europeus pensa que o *enactment* do analista é uma consequência do *acting-out* ou *enactment* do paciente. Consequentemente, *enactment* descreve um facto não só ligado ao analista, mas também ao paciente; e possivelmente, entre alguns analistas europeus, utiliza-se preponderantemente o conceito tanto para o analista como para o paciente. Apesar de alguns autores, referindo-se a este último, falarem da “pressão” ou “actuação” do paciente no sentido de levar o analista ao *enactment*.

Também consideram o *enactment*, pelo menos parcialmente, como algo inevitável antes de se compreender o que está a acontecer entre paciente e analista (Pick: 1985; Carpy: 1989; O'Shaughnessy: 1989; Feldman: 1994; Steiner: 2000, 2006a).

Na psicanálise francesa, o termo *acting out* (que se traduz como '*passage a l'acte*' – Mijolla: 2013) (NT: em francês no original) é bastante comum, enquanto o termo *enactment* é raramente usado. No entanto, são tidas em conta situações analíticas similares ao que, noutras comunidades psicanalíticas, se descreve como *enactment*: habitualmente são definidas utilizando-se expressões como '*mise en scène*' (Nota do tradutor: encenação em português) ou '*mise en jeu*' (NT: colocar em jogo em português).

Gibeault (2014) usou o neologismo *énaction* para descrever um tipo de actuação em comportamentos e palavras dotada de uma capacidade transformadora através de uma “empatia enactiva” (NT: *enactive empathy* no original em inglês) (*empathie énactante*) contratransferencial. Os italianos De Marchi (2009) e Zanocco *et al.* (2006) veem também a empatia, mais precisamente a “empatia sensorial”(NT: *sensor empathy* no original em inglês), pertencendo à área do vínculo primário, como um instrumento básico de comunicação próximo do *enactment*. Green (2002) considera a *énaction* como um ataque ao *setting*. Também na área da língua francesa, os autores belgas Godfrind-Haber e Haber (2002) escrevem extensamente sobre um conceito relacionado com o *enactment* em *L'Expérience Agie Partagée* (“Experiência agida partilhada”), que sublinha o valor da “acção intrapsíquica inconsciente partilhada”. Pode ser vista como uma fase preparatória pré-simbólica, durante a qual o paciente pode dar um salto simbólico no sentido de recuperar a simbolização, de modo a que interpretações posteriores possam ser experimentadas como significativas.

Desenvolvimentos do conceito de contratransferência entre os psicanalistas europeus envolvem descrições de reacções inadequadas, por parte do analista, à pressão da transferência do paciente. O conceito de identificação projectiva permite compreender a dinâmica destes processos. Sandler, com o seu contributo da responsividade ao papel, e B. Joseph, ao aprofundar a relação paciente-analista com o conceito de “situação de transferência total”, são alguns dos autores que descrevem fenómenos próximos do *enactment*. Steiner clarifica a relação entre contratransferência e *enactment*: “Penso na disponibilidade emocional e intelectual como contratransferência e na transformação em acção como *enactment*” (Steiner 2006b: 326).

Na Europa, como nas Américas, a maioria dos psicanalistas acabou por considerar os *enactments* como inevitáveis, como aconteceu anteriormente com a transferência e contratransferência. No entanto, ao contrário da vasta gama de opiniões nas Américas acerca da utilidade, necessidade e modo de trabalhar com os *enactments*, a maior parte dos analistas europeus, tomando-os essencialmente como uma falha da função analítica contentora do psicanalista, considera a sua ocorrência útil apenas se e quando o analista toma consciência deles, é capaz de interpretá-los e elaborá-los dentro do processo analítico. A “empatia enactiva” de Gibeault (2014), a “empatia sensorial” de De Marchi (2000) e Zanocco (2006) e a “experiência agida partilhada” de Godfrind-Haber e Haber (2002) são exemplos de conceitos relacionados com o *enactment*, com ênfase no acesso e trabalho analítico dos dados pré-verbais, pré-representados e pré-simbólicos. Embora não se situem na tendência dominante, estes conceitos enriquecem o diálogo europeu e global sobre o *enactment* e fenómenos co-relacionados.

V. CONCLUSÃO

Quando a díade analítica se desestabiliza dramaticamente (*enactment* agudo), isso pode indicar que um *enactment* anteriormente crônico foi desfeito, tornando-se agora activo dentro da análise. É necessário ao analista tomar consciência deste estado, tentar compreender e depois interpretar o que ocorreu. O campo analítico pode ser destruído se tal for ignorado ou se o *enactment* crônico regressar. Além disso, o ou a analista pode identificar mais aspectos de *enactments* crônicos ou potencialmente agudos desenvolvendo um “novo olhar” quando escreve o material, pensa novamente sobre ele ou o discute com outros analistas.

Os *enactments* trazem consigo significados desenvolvimentais e dinâmicos potencialmente importantes. Escutar e trabalhar com *enactments*, compreendendo-os e interpretando-os, pode minimizar a ocorrência de expressões somáticas não-simbolizadas na vida quotidiana do ou da paciente. Proceder deste modo pode aliviar o fardo existente sobre os relacionamentos e investimentos actuais da vida dos pacientes, um fardo que foi imposto pelos eventos e acontecimentos da infância e juventude, não-esquecidos e simultaneamente não-relembrados – incluindo aqueles que foram transmitidos transgeracionalmente. Os analistas podem também apreender melhor, a partir de uma posição de compreensão empática, aquilo por que o paciente passou, aprofundando e alargando assim o alcance transformador e emocionalmente significativo da experiência psicanalítica para os pacientes; e expandindo também o próprio envolvimento multidimensional do analista no processo psicanalítico.

Embora prevaleça a visão, nas culturas psicanalíticas dos três continentes, de que os *enactments* tem de ser compreendidos e em última análise interpretados, torna-se muito importante estar atento/a à existência do *enactment* do tipo contratransferencial - em que a capacidade de continência analítica diminuída do analista pode ser transmitida, tanto não-verbalmente como verbalmente, e até disfarçada dentro de uma interpretação.

* * * * *

Para uma revisão Norte-americana exaustiva do tema do *Enactment*, v. Ellman e Moscowitz (1998) *Enactment: Toward a New Approach to the Therapeutic Relationship* (Library of Clinical Psychoanalysis), New York: Jason Aronson, Inc.

Para um exemplo de revisão multiteórica internacional, v. Bohleber W., Fonagy P., Jiménez J.P., Scarfone D., Varvin S., Zysman S. (2013) Towards a Better Use of the Psychoanalytic Concept: A Model Illustrated Using the Concept of Enactment, *Int J Psycho-Anal*, 94: 501-530.

Para um processo de validação internacional dos conceitos de *Enactment Agudo* e *Enactment Crônico*, v. Cassorla (2012) What happens before and after acute enactment?

An exercise in clinical validation and broadening of hypotheses, *Int J Psycho-Anal* 95: 53-89.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Akhtar, S. (1999). *Comprehensive Dictionary of Psychoanalysis*. London: Karnac.
- Auchincloss, E. and Samberg, E. eds (2012). *Psychoanalytic Terms & Concepts*. New Haven and London: Yale University Press.
- Auerhahn, N.C. & Laub, D. (1998). Intergenerational memory of the Holocaust. In *International Handbook of Multigenerational Legacies of Trauma*, ed. Y. Danieli. New York/London: Plenum, pp. 21-43.
- Baranger, M., Baranger, W. (1961-1962). La situación analítica como campo dinámico [The analytic situation as a dynamic field]. *Rev Urug Psicoanal* 4(1):3-54.
- Baranger, M., Baranger, W. (1969). *Problemas del campo psicoanalítico [Problems of the analytic field]*. Buenos Aires: Kargieman.
- Baranger, M. & Baranger, W. (2008). The analytical situation as a dynamic field. *Int J Psycho-Anal*, 89:795-826 (translated and reprinted from from 1961-1962 and 1969 Spanish versions).
- Bass, A. (2003). “E” Enactments in psychoanalysis: Another medium another message. *Psychoanal Dial*, 13:657-75.
- Beebe, B. and Lachmann, F.M. (2002). *Infant Research and Adult Treatment. Co-constructing Interactions*. London: Analytic Press.
- Bateman, A.W. (1998). Thick and thin-skinned organizations and enactment in borderline and narcissistic disorders. *Int J Psycho-Anal*, 79:13–25.
- Bion, W.R. (1962). The Psycho-Analytic Study of Thinking. *Int J Psycho-Anal*, 43:306-10.
- Bohleber, W.; Fonagy, P.; Jiménez, J.P.; Scarfone, D.; Varvin, S.; Zysman, S. (2013). Towards a better use of psychoanalytical concepts: A model illustrated using the concept of enactment. *Int J Psycho-Anal*, 94:501-530.
- Borensztein, C.L. (2009): El enactment como concepto clínico convergente de teorías divergentes. *Revista de Psicoanálisis (Buenos Aires)* 46:177-192.
- Breuer, J. (1893). *Fräulein Anna O., Case Histories from Studies on Hysteria*. In: The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud, Volume II (1893-1895): Studies on Hysteria, 19-47.

- Bromberg, P. (1998). *Standing in the Spaces: Essays on clinical process, trauma and dissociation*. Hillsdale, NJ: Analytic Press.
- Bromberg, P. (2006). *Awakening the Dreamer: Clinical journeys*. Hillsdale, NJ: Analytic Press.
- Cassorla, R.M.S. (2001). Acute enactment as resource in disclosing a collusion between the analytical dyad. *Int J Psycho-Anal*, 82:1155–70.
- Cassorla, R.M.S. (2005). From bastion to enactment: The ‘non-dream’ in the theatre of analysis. *Int J Psycho-Anal*, 86:699-719.
- Cassorla, R.M.S. (2008). The analyst’s implicit alpha-function, trauma and enactment in the analysis of borderline patients. *Int J Psycho-Anal*, 89:161-180.
- Cassorla, R.M.S. (2012). What happens before and after acute enactment? An exercise in clinical validation and broadening of hypothesis. *Int J Psycho-Anal*, 93: 53-89.
- Cassorla, R.M.S. (2013). When the analyst becomes stupid. An attempt to understand enactment using Bion’s theory of thinking. *Psychoanal Q*, 82:323-360.
- Cassorla, R.M.S. (2015). *O psicanalista, o teatro dos sonhos e a clínica do enactment (The psychoanalyst, the dreaming theater and the clinic of enactment)*. London: Karnac.
- Chused, J.F. (1991). The Evocative Power of Enactments. *J Amer Psychoanal Assoc*, 39:615-39.
- Chused, J.F. (1992). Interpretations and Their Consequences in Adolescents. *Psychoanal Inq*, 12:275-295.
- Chused, J.F. (2003). The Role of Enactments. *Psychoanal Dial*, 13:677-87.
- Chused, J.F., Ellman, S.J., Renik, O., Rothstein, A. (1999). Four Aspects of the Enactment Concept: Definitions, Therapeutic Effects, Dangers, History. *J. Clin. Psychoanal*. 8: 9-61.
- De Marchi, A. (2000). Atto ed enactment. *Riv.Psicanal*. 46: 473-83.
- Ellman, S. and Moskowitz, M. (1998). *Enactment: Toward a New Approach to the Therapeutic Relationship* (Library of Clinical Psychoanalysis). New York: Jason Aronson, Inc.
- Ellman, S.J. (2007). Analytic Trust and Transference: Love, Healing Ruptures and Facilitating Repairs. *Psychoanal. Inq.*, 27:246-263.
- Eshel, O. (1998). “Black holes,” deadness and existing analytically. *Int J Psycho-Anal*, 79:1115-31.
- Feldman, M. (1994): Projective identification in phantasy and enactment. *Psychoanal. Inq.*, 14:423-440.
- Freud, S. (1895). *Studies on Hysteria*. SE 2.

- Freud, S. (1900). *The Interpretation of Dreams*. SE 5.
- Freud, S. (1905). *Fragment of an Analysis of a Case of Hysteria*. SE 7, p. 1-122.
- Freud, S. (1910). *As Perspectivas futuras da Terapêutica Psicanalítica*, Edição Standard Brasileira vol.XI, Rio de Janeiro: Imago Editora [*The Future Prospects of Psycho-Analytic Therapy*. SE 11, pp. 139-53].
- Freud, S. (1912). *Totem and Taboo*. SE 13, pp. 1-162.
- Freud, S. (1914). *Recordar, Repetir e Elaborar (Novas Recomendações sobre a Técnica da Psicanálise II)*, Edição Standard Brasileira vol.XII, pp. 90-92 [Trad. Alternativa: *Recordar, Repetir e Elaborar – Novas Recomendações sobre a Técnica da Psicanálise*, Sigmund Freud Obras Completas vol.10, São Paulo: Companhia das Letras] [*Remembering, Repeating and Working Through (Further Recommendations in the Technique of Psychoanalysis II)*. SE 12, pp. 145-156].
- Freud, S. (1920). *Beyond the Pleasure Principle*. SE 18, pp. 1-134.
- Freud, S. (1923). *The Ego and the Id*. SE 19, pp. 3-169.
- Federn, P. (1952). *Ego Psychology and the Psychoses*. New York: Basic Books.
- Gibeault, A. (2014). Enactment : mise en acte et/ou mise en scène. *Revue française de psychanalyse*. 78:1648-1653.
- Godfrind-Haber, J., Haber, M. (2002). L'expérience agie partagée. *Revue française de psychanalyse*. 66: 1417-1460.
- Greenberg, J. and Mitchell, S. (1983). *Object Relations In Psychoanalytic Theory*. Cambridge MA: Harvard University Press.
- Grinberg, L. (1957). Perturbaciones en la interpretación por la contraidentificación proyectiva. *Revista de Psicoanálisis* 14: 23-30.
- Grinberg, L. (1962). A specific aspect of countertransference due to the patient's projective identification. *Int J Psycho-Anal*, 43:436-440.
- Gus, M. (2007). Acting, enactment e a realidade psíquica em cena no tratamento analítico de estruturas borderlines. *Revista Brasileira de Psicanálise* 41:45-53.
- Hirsch, I. (1998). The concept of enactment and theoretical convergence. *Psychoanal Q*, 67:78-100.
- Hoffman, I.Z. (1994). Dialectical thinking and therapeutic action in the psychoanalytic process. *Psychoanal. Q.*, 63:187-218.
- Ivey, G. (2008). Enactment controversies: A critical review of current debates. *Int J Psycho-Anal*, 89:19-38.
- Jacobs, T. (1986). On countertransference enactments. *J Amer Psychoanal Assoc*, 34: 289-307.

- Jacobs, T. (1991). *The Use of the Self: Countertransference and Communication in the Analytic Situation*. Madison, CT: Int. Univ. Press.
- Jacobs, T.J. (2001). On Misreading and Misleading Patients: Some Reflections on Communications, Miscommunications and Countertransference Enactments. *Int J Psycho-Anal*, 82: 653-669.
- Joseph, B. (1992). Psychic change: some perspectives. *Int J Psycho-Anal*, 73:237-43.
- Katz, G. (2014). *The Play Within the Play. The Enacted Dimension of Psychoanalytic Process*. Hove: Roulledge.
- Klein, M. (1946/1952). Notes on some schizoid mechanisms. *Int J Psycho-Anal*, 27:99-110.
- Kogan, I. (2002). Enactment in the Lives and Treatment of Holocaust Survivors' Offspring. *Psychoanal Q*, 71:251-72.
- Laplanche, J. e Pontalis, J.-B. (1971). *Vocabulário da Psicanálise*, Moraes Editora, Lisboa, p.36-37 [Laplanche, J. et Pontalis, J.-B. (1967) *Vocabulaire de La Psychanalyse*, PUF, Paris)]
- Levine, H. and Friedman, R. (2000). Intersubjectivity and interaction in the analytic relationship. *Psychoanal Q*, 69:63-92.
- Loewald, H.W. (1975). Psychoanalysis as an Art and the Fantasy Character of the Psychoanalytic Situation. *J Amer Psychoanal Assn*, 23:277-99.
- Mann, D. & Cunningham, V. (2009). *Past in the present: therapy enactments and the return of trauma*. Hove: Taylor & Francis, p. 182-197.
- McLaughlin, J.T. (1991). Clinical and theoretical aspects of enactment. *J Amer Psychoanal Assoc*, 39: 595-614.
- McLaughlin, J.T. & Johan, M. (1992). Enactments in psychoanalysis. *J Amer Psychoanal Assoc*, 40: 827-841.
- Mijolla, A. (2002). *Dictionnaire international de la psychanalyse*. Paris. Pluriel. (2013) Nova Edição Publicada.
- Mijolla-Mellor (2005) Acting Out / Acting In. in Mijolla, A. *International Dictionary of Psychoanalysis*. Thomson-Gale, p. 10-11.
- Mitchell, S. (1997). *Influence and autonomy in psychoanalysis*. Hillsdale, NJ: Analytic Press.
- Mitrani, J.L. (1995). Toward an understanding of unmentalized experience. *Psychoanal Q*, 64:68-112.
- Mitrani, J.L. (2001). 'Taking the transference': notes on some technical Implications in three papers by Bion. *Int J Psycho-Anal*, 82: pp.1085-1104.

- O'Shaughnessy, E. (1992). Enclaves and Excursions. *Int. J. Psycho-Anal.*, 73:603-611.
- Panel (1999). Enactment: an open panel discussion. *J Clin Psychoanal*, 8: 32-82.
- Papiasvili, E.D. (2016). Translational Aspects of Interpretation Today: Developmental and Dynamic View. *Psychoanal. Inq.* 36: 88-101.
- Paz, C.A. (2007). Del Agieren al Enactment: un siglo de cambios y avances. *Revista de Psicoanálisis (Asociación Psicoanalítica de Madrid)* 50:59-71.
- Ponsi, M. (2013). Development of Psychoanalytic Thought: Acting, Acting Out, Enactment. *The Italian Psychoanalytic Annual*, 7:161-176.
- Roughton, R.E. (1993). Useful aspects of acting-out: repetition, enactment, and actualization. *Journal of the American Psychoanalytical Association.* 41:43-471.
- Racker, H. (1948). La neurosis de contratransferencia. In *Estudios sobre Técnica Analítica*. B. Aires: Paidós, 1977, p. 182-221.
- Racker, H. (1988). *Transference and Countertransference*. London: Karnac
- Rocha, N.J.N. (2009). Enactment como modelo para pensar o processo analítico. *Revista Brasileira de Psicanálise* 43:173-182.
- Sanchez Grillo, M.R. (2004). Juego y “enactment” en psicoanálisis de niños. *Psicoanálisis (Assoc Psicoanal Buenos Aires)* 26: 407-419.
- Sandler, J. (1976). Countertransference and role-responsiveness. *Int Rev Psychoanal*, 3:43-47.
- Sandler, J. and Sandler, A.M. (1978). On the development of object relations and affects. *Int J Psycho-Anal*, 59:285-93.
- Sapisochin, G. (2007). Variaciones post-freudianas del Agieren: sobre la escucha del puesto en acto. *Revista de Psicoanálisis (Asociación Psicoanalítica de Madrid)* 50:73-102.
- Sapisochin, S. (2013). Second thoughts on Agieren: Listening the enacted. *Int J Psychoanal*, 94 (5): 967-991.
- Sapisochin, G. (2014). Dialogando con D.W. Winnicott: Reflexiones sobre la escucha del enactment. *Rev Psicoanál (Asociación Psicoanalítica de Madrid)* 73: 257
- Sapisochin, G. (2015). Playing: Some remarks on the enacted dimension of the analytic process. In Saragnano G, Seulin C, editors. *Playing and reality revisited*. (Psychoanalytic classics revisited). London: Karnac
- Schafer, R. (1982). *Retelling a Life*. New York: Basic Books.
- Schreck, A. (2011). El psicoanálisis y la puesta en acto. *Cuadernos de Psicoanálisis (Mexico)* 44: 7-15.
- Spillius, E. B. et cols (2011). *The new dictionary of Kleinian thought*. London: Routledge.

- Steiner, J. (2000). Containment, Enactment and Communication. *Int. J. Psycho-Anal.*, 81:245-255.
- Steiner, J. (2006a). Interpretive enactments and the analytic setting. *Int J Psycho-Anal*,87:315-328.
- Steiner, J. (2006b). Reply to Dr Levenson. *Int J Psycho-Anal*, 87:325-328.
- Stern, D.B. (2010). *Partners in Thought. Working with Unformulated Experience, Dissociation and Enactment*. New York: Routledge.
- Stolorow, R.D., Brandchaft, B. and Atwood, G.E. (1987). *Psychoanalytic Treatment: An Intersubjective Approach*. Hillsdale, NJ: Analytic Press.
- Van der Kolk, B.A., Van der Hart, O. (1991). *The Intrusive Past: The Flexibility of Memory and the Engraving of Trauma*. *Amer Imago*, 48:425-454.
- Waska, R.T. (2011). *Moments of uncertainty in therapeutic practice: interpreting within the matrix of projective identification, countertransference and enactment*. New York: Columbia University Press.
- Winnicott, D.W. (1963). Dependence in infant care, in child care, and in the psychoanalytic setting. *Int J Psycho-Anal*, 44:339-44.
- Winnicott, D.W. (1974). O medo do colapso. In: Winnicott, Clare; Shepherd, Ray; Davis, Madeleine (Org.). *Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, 70-74 [Winnicott (1974). Fear of breakdown. *Int Rev. Psycho-Anal*, 1:103-7].
- Zanocco, G., De Marchi, A. and Pozzi, F. (2006). Sensory Empathy and Enactment. *Int. J. Psycho-Anal.*, 87:145-158.
- Zeligs, M. (1957). Acting in: a contribution to the meaning of some postural attitudes observed during analysis. *J Amer Psychoanal. Assoc.*, 5:685-706.

Consultores Regionais e Colaboradores

América Latina: Roosevelt Cassorla, MD, PhD.

América do Norte: Rosemary H. Balsam, MD; Andrew Brook, Dr.Phil.; Judith Mitrani, PhD; Conselheiro: Theodore Jacobs, MD.

Europa: Antonio Pérez-Sánchez, MD; Maria Ponsi, MD.

Co-presidente inter-regional de coordenação: Eva D. Papiasvili, PhD, ABPP.

O Dicionário Enciclopédico Inter-Regional IPA de Psicanálise está licenciado sob Licenças *Creative Commons* CC-BY-NC-ND. Os direitos principais permanecem com os autores (IPA e membros colaboradores da IPA), no entanto, o material pode ser utilizado por terceiros, não com fins comerciais, desde que com atribuição total à IPA (incluindo referência à URL www.ipa.world/IPA/Encyclopedic_Dictionary) em reprodução literal, não de forma derivada, editada ou remixada. Clique aqui para acessar os termos e condições.

Tradução para o português: João Pedro Bicudo de Azeredo Keating (Sociedade Portuguesa de Psicanálise).

Coordenação e edição para a tradução para o português: Maria Cristina Garcia Vasconcellos (Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre)